

# Paulo-Roberto Andel

## Mr. Éter, o Príncipe de Copa

Ele caminha pelas ruas do bairro que nunca dorme, usando uma camiseta furada e um short sujo. Está sempre sozinho, sempre sozinho.

Praticamente não fala, às vezes ri quando para no balcão do botequim e bebe um gole d'água pensando que é cachaça.

Tem cerca de dois metros de altura e uns 150 quilos - se quisesse poderia ser um rei da violência nas noites de Copacabana, mas é um homem pacífico que dorme sempre na mesma esquina, aguentando calado todo sofrimento e miséria.

Sua única companhia é uma garrafa de éter, que ele carrega como uma filha, a filha que não teve ou que pode ter perdido numa tragédia - ninguém sabe ao certo - falam muitas coisas. Éter, muito éter, dá para sentir o cheiro da outra esquina.

Como esse grande homem sobrevive?

Como seu coração aguenta há tanto tempo?

Os garotos do bairro o conheciam nos anos 1970, ele atravessou os 1980 e chegou aos 1990. Ninguém sabe seu nome, é o Sr. Éter, Mr. Éter, o Éter. Um homem gigantesco, maltrapilho mas altivo, cujo tamanho denuncia uma possível infância bem criada que antecedeu a tragédia das ruas.

Ele pode ter sido um médico que viu a morte da própria filha, ele pode ter perdido toda a família no grande incêndio do circo em Niterói, ele pode ter sido muitas pessoas, mas só Copacabana tem um mendigo que é uma celebridade, que delicadamente dá de ombros a todos os moradores locais mas é conhe-

cido por todos eles. Todos o conhecem, todos o respeitam, ninguém lhe estende a mão.

Mister Éter vai e vem por Copacabana inteira mais o Leme. É um patrimônio do bairro porque talvez ele represente o drama, a indiferença, a tristeza e a resiliência que Copacabana chega a exigir.

O recurso de falar deste personagem no presente é uma farsa, já que ele morreu há muitos anos, mas ao mesmo tempo vale porque ele seria um personagem plausível no bairro mais fascinante do Brasil.

Viveu, sofreu, morreu e ninguém soube seu nome, sua origem e o que levou a tantos anos de entorpecimento e resistência.

Ninguém lhe estendeu a mão, mas quando deixou a vida houve quem derramasse lágrimas em Copacabana, ainda que elas também contivessem certa hipocrisia.

Mister Éter foi presença, tragédia e mistério - o famoso mais escondido da história da Princesinha do Mar. Nunca pediu esmolas, nunca foi agressivo, passou a vida ensandecido pela substância e navegando pelas artérias de Copacabana.

Seu único pouso certo era a esquina de Barata Ribeiro com Constante Ramos, onde dormia numa calçada vermelha elevada, ao lado de uma quitanda e da Farmácia Piauí.

Ele morreu, as lojas também morreram, a Sorveteria Bolonha do outro lado da rua também morreu e só restou a calçada para rememorar um dos personagens mais conhecidos e desconhecidos do Rio. O príncipe da miséria, cheio de elegância.



**Cena de 'Ainda Estou Aqui', vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro: embora o volume de exportação do audiovisual brasileiro para os EUA seja baixo, existe espaço de crescimento. Acirramento da guerra tarifária causa temores**

# Incertezas culturais

Tarifas de Trump não afetam o cinema e as artes, mas preocupam os setores

Por Alessandra Monterastelli (Folhapress)

O setor cultural ficou de fora do tarifaço para a importação de produtos brasileiros importado por Donald Trump, que entram em vigor nesta quinta-feira (7). Apesar do alívio, ainda é cedo para produtoras de cinema e galerias de arte respirarem despreocupadas. Isso porque o clima de tensão instaurado pelo presidente americano com o Brasil deve afetar futuras negociações nas áreas da arte e do audiovisual, nas quais a parceria com empresas americanas é cotidiana e vital.

Segundo a Pesquisa Setorial do Mercado da Arte do ano passado, os Estados Unidos foram o destino de 56% do total de exportações de galerias brasileiras em 2023. A tendência vem crescendo

nos últimos anos - em 2016, esse percentual era de 48%. A insegurança econômica despertada pela guerra comercial freia possíveis compradores de arte, diz Thiago Gomide, dono da galeria paulistana Gomide & Co e membro da Associação de Galerias de Arte do Brasil. Os colecionadores, pessoas abastadas e gestoras de outros negócios, possivelmente em áreas afetadas pelo tarifaço, preferem se dedicar a investimentos mais seguros em momentos de crise. "Doadores ficam mais tímidos também de dar dinheiro aos museus, por medo de represálias", afirma. Ele diz que há uma preocupação geral do setor com os cortes de verba do governo Trump para museus americanos, clientes das galerias brasileiras que devem diminuir aquisições.

Embora a exportação de filmes brasileiros seja ainda baixa, profis-

sionais da indústria cinematográfica americana afirmaram à reportagem, em condição de anonimato, que há receio em relação à resposta de Lula, devido a uma cláusula na Lei da Reciprocidade que prevê a quebra de direitos autorais de produtos importados pelo Brasil - como todo produto temático vindo de alguma franquia dos cinemas ou do streaming.

Embora a chance de Lula recorrer a esta medida seja vista como remota, teme-se que a erosão da relação entre os dois países possa fazer com que Lula acelere a regulamentação do streaming no Brasil. É o que afirma Mauro Garcia, presidente da Brasil Audiovisual Independente, associação que reúne 600 produtoras nacionais. "O Brasil não é um exportador de audiovisual, mas ocupamos bem o mercado interno na última safra, nesse declínio do cinema americano", diz ele. A regulamentação obrigaria empresas de lá, como Netflix e Prime Video, a dar contribuições maiores para o desenvolvimento do audiovisual brasileiro. O republicano, por sua vez, pode tentar interferir na regulamentação do streaming, na visão de Garcia. "Ele pode, por exemplo, aplicar mais tarifas como represália, para defender as big techs", especula.